

Intervenção no Espaço Público através da construção coletiva: o caso “Abraçar Santiago” em Aveiro, Portugal

Beatriz Melo^a, Cecília Porta^b, Lucas de Macedo^c, Vanessa Passos^d

Resumo

A cidade é um processo resultante da acumulação de condicionantes naturais e antrópicas cujas relações com a sociedade transformam as formas urbanas existentes e alteram a maneira com que determinadas áreas se desenvolvem e se estabelecem. Nesse aspecto, a segregação espacial pode ser uma consequência desses processos, uma vez que tem vindo a afetar a maneira com que se configura o ambiente urbano. Na tentativa de intervir nessa problemática, a participação popular deve se consolidar como parte integrante da cidade; enquanto fator mobilizador, auxilia ao reafirmar o sentimento de pertença e pode ampliar as redes relacionais em prol de um objetivo comum: a melhoria dos espaços.

Dentro deste contexto, o projeto “Abraçar Santiago”, desenvolvido num bairro social no município de Aveiro, Portugal, busca promover a requalificação do espaço público através da sensibilização da comunidade. A iniciativa objetiva a realização de atividades colaborativas - como forma de reafirmar preceitos de participação, sociabilidade, convivência e responsabilidade cívica na transformação do patrimônio público, buscando fazer da cidade uma só e para todos.

Palavras-Chave

Processos Colaborativos, Participação Pública, Espaço Público

Abstract

The city is a process resulting from natural conditions and human action where the relations with the society transform the existent urban forms and the way that some areas are developed. Concerning this, the spatial segregation can be one of the consequences of these process, influencing the way that urban space is configured. In attempt to intermediate in this problem popular participation must be consolidated as an integral part of the city; as a mobilizing factor, that helps to reaffirm the sense of belonging and enable relational networks in favour of a common goal: the improvement of spaces.

Through this context, the project "Abraçar Santiago" was developed in a social neighbourhood in the city of Aveiro, Portugal, in a way to promote the requalification of public space from community participation. The initiative aims to realize collaborative activities - as a way of reaffirm principles of participation, sociability, coexistence and civic responsibility in the transformation of the public patrimony, seeking to make and only city, and for all.

Keywords

Collaborative Process, Public Participation, Public Space

Introdução

As cidades são terrenos férteis para a ciência, inovação, cultura e criatividade individual e coletiva. Também, são locais onde se concentram problemas de desemprego, segregação e pobreza. É na cidade que os sujeitos estabelecem relações objetivas e subjetivas e, muito embora o urbanismo esteja numa primeira instância associado à territorialidade geo-

gráfica, o tempo das vivências quotidianas atuais pode levar a novos contornos em que as cidades deixam de ser um lugar de encontro e intercâmbio para se converterem em lugar de separação (Reis, 2015).

A fim de reverter esta ideia, o presente artigo visa demonstrar como pequenas intervenções podem, aos poucos, transformar os espaços, valorizando a sua diversidade e abrangendo a inclusão, o engajamento e o fortalecimento das re-

^a Universidade de Aveiro, Portugal. Email: mbalmeida@ua.pt

^b Politecnico di Milano, Itália. Email: cecilia.porta@mail.polimi.it

^c Universidade de Aveiro, Portugal. Email: lucasmacedo@ua.pt

^d Universidade de Aveiro, Portugal. Email: passos.va@gmail.com

des relacionais no compartilhamento de ideias, as quais integram processos colaborativos e ressignificam emoções da vida urbana.

Objectivos

Estabeleceu-se como objetivo geral desta pesquisa, o seguinte:

- Compreender como a participação popular pode se consolidar como um fator mobilizador na requalificação de espaços públicos ao dar voz às pessoas e criar um modelo de planejamento urbano mais inclusivo.

Em complementaridade definiram-se alguns objetivos específicos:

- Perceber de que maneira as transformações sócio-espaciais dinamizam os espaços públicos e se afastam das reais necessidades e demandas locais;

- Demonstrar como é possível vencer obstáculos, mesmo com o pouco estímulo que se dá a prática do urbanismo participativo, ao fortalecer o empoderamento do cidadão para que este pense a cidade de forma coletiva;

- Desenvolver ideias para a criação de espaços públicos que atendam às pessoas, focando na importância de bairros vivos e convidativos.

Metodologia

O presente artigo trata-se de um estudo teórico-prático, resultado de pesquisa e revisão bibliográfica ao que se acrescenta ainda os depoimentos de pessoas que já desenvolveram e/ou possuem presença ativa em projetos orientados ao bairro de Santiago. A contribuição efetiva da comunidade, por meio de auscultação, e as atividades já desenvolvidas também foram diretrizes orientadoras do trabalho através de uma visão holística do espaço público de intervenção sob a perspectiva diretora do Project for Public Spaces (PPS), a qual abrange as componentes de acesso e conexões, de conforto e imagem, de usos e atividades e de sociabilidade¹.

Fundamentação teórica

Espaços públicos

A vida urbana está atrelada a encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos das formas de viver os padrões que coexistem na Cidade (Lefebvre, 2009, p. 22), assegurado pelo espaço público urbano.

Convém denominar espaço público não somente aquele de propriedade pública, mas também o que o público se apropria por serem lugares receptores das ações da esfera pública (Alvares *et al.*, 2009). Estes espaços são compreendidos como palco das atividades humanas, dos encontros e das trocas de ideias, capazes de restaurar uma sociedade expressiva quanto às suas ideologias e expressões políticas, destacando o seu potencial e o papel social nas cidades (Baretta e Andrade, 2015).

Nesta lógica, a formação do lugar está relacionada com a experiência humana de viver, vinculada com as relações que o indivíduo estabelece com a comunidade e com o meio natural e cultural a que foi submetido (Tuan, 1980). Faz-se relevante reforçar a questão da identidade e de pertença do público que permitem alterações e mutações de acordo com os anseios de construção coletiva (Bentley *et al.*, 1999), eis que, ao serem estes inexistentes, podem resultar em espaços cada vez mais vazios e desocupados nas cidades, levando-se ao questionamento da ausência de planejamento e/ou a desconsideração da realidade dos ocupantes como causa do distanciamento da população em relação aos espaços públicos (Yamawaki *et al.*, 2015).

Os sujeitos, por vezes, tornam-se invisíveis nos próprios espaços porque não se sentem pertencidos a ele e, neste sentido, a cidade pode ser uma ameaça às populações excluídas que trazem no seu corpo as marcas visíveis da desvantagem da inserção social (Cassab, 2001). Um espaço sem público é a reafirmação de uma não-cidade (Beretta e Andrade, 2015), do enfraquecimento da identidade urbana. A essência do espaço está na capacidade de estabelecer relações espaciais com as experiências existenciais humanas (Melo e Pereira, 2015), e assim, quanto mais profundamente o cidadão se sentir inserido, mais forte será a construção de sua identidade vinculada ao espaço que habita.

É claro que os bairros precisam manter características de raiz, aquilo que o tempo se encarregou de construir, aliado às atividades dos sujeitos que possuem visibilidades diferentes conforme

¹ Project for Public Spaces: guia do espaço público para ajudar as pessoas a criarem e manterem seus espaços.

o local em que se encontram, ou seja, como se comportam, como observam, que atividades realizam, mas há também o espaço empregado no cotidiano dos sujeitos sociais, que delimita os horizontes e circunscreve as relações nos diversos locais de identificação (Reis, 2015).

Participação colaborativa

Quando falamos de participação pública, tratamos diretamente de métodos participativos de inclusão que envolvem colaboração, diálogo e interação. Não são necessariamente reativos, mas estão focados em antecipar e definir ações futuras a partir da construção de um conhecimento compartilhado (Innes e Booher, 2005). Uma das chaves do sucesso da participação pública diz respeito ao poder transformador do diálogo (Forester, 1999) e do compartilhamento de ideias. Contudo, mais do que isto, os processos colaborativos auxiliam no desenvolvimento da capacidade cívica a fim de promover uma sociedade mais inteligente para resolver questões controversas e difíceis (Innes e Booher, 1999), permitindo aos cidadãos exercerem um impacto maior na construção de suas próprias identidades (Albrechts, 2006).

Para que seja exercida, entretanto, deve incorporar não só organizações, planejadores e administradores públicos, mas também os cidadãos, num quadro em que todos interagem-se mutuamente (Innes e Booher, 2005). Dar voz à comunidade, de maneira respeitosa e inclusiva, é parte fundamental de um planejamento democrático (Healey, 1996), visto que a contribuição pragmática para o debate é feita a partir das experiências cotidianas humanas e da interação entre estas (Leino e Laine, 2011). E, muito embora a tendência dominante na participação seja pensada por adultos, não se pode deixar de lado o contributo das crianças como forma de lhes dar visibilidade social atuante na cidade.

Gaitán e Liebel (2011) chamam a atenção para o fato das crianças e jovens serem parte integrante da sociedade, assim, devem dispor de condições para desempenharem um papel ativo na defesa e implementação dos seus direitos civis, sociais, econômicos,

políticos, e culturais. O envolvimento da comunidade na reativação dos espaços públicos permite a produção de sinergias compreendidas pelas ações (Brandão, 1999), o que promove uma leitura, denominada por Albrechts (2006) de “what” and “how”, sob a perspectiva das memórias, vivências e experiências do utilizador diante da capacidade de compreender o que é o espaço e no que ele pode vir a se tornar. Esta capacidade faz do cidadão protagonista do espaço público, que busca na cidade construir o seu território, um lugar seguro e acessível no qual seja possível morar consigo e com os outros (Solà-Morales, 2002).

Deste modo, todas essas transformações refletem uma comunidade utilizadora do espaço público, e que por meio de encontros e eventos vê suas redes relacionais de vizinhança fortalecidas. Uma comunidade que tem diante de si locais que permitem a reunião de pessoas que nunca estiveram no mesmo ambiente, aprimorando, portanto, a participação entre as partes (Taylor, 2007).

Abraçar Santiago

Contexto

O Bairro de Santiago está localizado na União das Freguesias da Glória e Vera Cruz, no Concelho de Aveiro, e abrange uma área de 6,87 km², com uma população estimada em 9.917 habitantes (INE, 2011).

Sua história está intimamente ligada aos fluxos migratórios e imigratórios ocorridos na década de 70. Evento se submeteu ao despreparo do mercado habitacional formal e fez com que surgisse um alargado número de terrenos clandestinos.

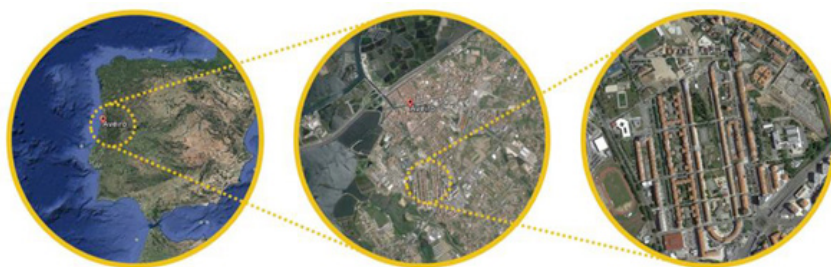


Imagem 1 - Localização do Bairro de Santiago, Aveiro, Portugal
Fonte: Google Maps

No que se aplica o contexto do município de Aveiro, o parcelamento indiscriminado se expressou na área que hoje ocupa a Universidade de Aveiro, reunindo a diversidade étnica por parte da instalação de ciganos e do acolhimento de pessoas vindas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP'S).

Diante do período de expropriação dos terrenos agrícolas, a população que ali havia se instalado seria realocada em prol da construção da Universidade de Aveiro, e é nesta altura que se estabelece o Plano Integrado de Aveiro-Santiago (PIAS), em conjunto com o Fundo de Fomento à Habitação (Catalão, 2010) - e que mais tarde foi denominado como Urbanização de Santiago, com o intuito de alojar a população que vivia em situação precária e em terrenos clandestinos, e como forma de regularizar o setor habitacional e os focos de pobreza existentes no município com a construção de moradias e edificações na área.

As dinâmicas existentes no bairro serviram de premissas para a sua consolidação como uma região diversificada em termos de residentes, conduzido, contudo, a relações de convívio nem sempre muito pacíficas. Diante da denominação de bairro social, a pobreza urbana existente acabou por estar associada, muitas das vezes, a grupos de toxicodependentes, famílias desestruturadas, desempregados, pessoas habituadas ao modo de vida rural, com estilos de vida diferenciados, gerando adversidades na adaptação e integração. Atrélado a isto, houve falta de infraestrutura e condições de moradia condignas, contribuindo para acentuar ainda mais a produção do excluído e a fortalecer o estigma ainda existente e que, por muitas das vezes, define o local: uma área perigosa e problemática da cidade.

O processo de integração da comunidade ao bairro foi, e tem sido, um grande desafio para Santiago, contando com diferentes organizações que atuam no bairro de maneira a superar as deficiências lá existentes. A Instituição Particular de Solidariedade Social - IPSS Florinhas do Vouga promove atividades assistenciais que intervem diretamente na inclusão social dos residentes. O projeto “Cidade Amiga das Crianças”, da UNICEF, buscou a inclusão e a participação das crianças no protagonismo da cidade, promovendo os direitos destas. A “Polícia de Proximidade”, unidades especiais da Polícia de Segurança Pública (PSP) e parte do Programa Integrado de Policiamento de Proximidade (PIPP), ampliou os meios de segurança no bairro, promovendo uma relação mais intensa entre os moradores e os agentes policiais.

O Bairro de Santiago

No coração do bairro de Santiago encontra-se uma grande área verde (aqui denominada Jardim de Santiago), a qual recebeu atenção ao longo dos anos 90 como parte integrante do que viria a ser o Parque da Sustentabilidade do Município de Aveiro. O programa previa a conexão e regeneração dos espaços verdes existentes na cidade, formando um corredor ecológico que se estenderia desde o Jardim do Rossio (no centro) até o Jardim de Santiago com o objetivo de intensificar a mancha verde urbana e melhorar a qualidade dos equipamentos culturais e desportivos instalados. Infelizmente, o projeto preliminar proposto não foi concluído, devido a afirmação por parte da entidade financiadora ligada à União Europeia que considerou o Jardim pertencente a um bairro social e que, assim, era dissonante aos objetivos do programa. Em resposta a isto, o Projeto para o Parque da Sustentabilidade foi interrompido no trecho que antecede o Jardim de Santiago, no Parque dos Amores, o que não só salientou a barreira que o desconecta do restante do município, como também potencializou a segregação do espaço.

Curiosamente, o bairro é contornado por ruas que se conectam a importantes vias de acesso do Município de Aveiro (Avenida da Universidade a oeste, Rua Dr. Mário Sacramento a leste e Estrada Nacional 109 a sul), além da ligação com diversos equipamentos, como a Universidade de Aveiro, o Glicínias Shopping e o Mercado de Santiago. O bairro é, portanto, uma “cidade dentro da cidade”, isto porque possui um amplo leque de serviços e atividades que se estendem por toda a sua área, os quais acabam estabelecendo relações de encontro entre pessoas, diálogo e convívio.

O entorno imediato, contudo, fragmenta-se a partir da presença de barreiras físicas e visuais. Os muros circundantes ao Jardim impedem a conectividade com o entorno e dificultam a visibilidade do parque do interior para o exterior, e do exterior para o interior, na contramão do que se entende pela maior amplitude visual e ausência de barreiras físicas que tornem mais fácil antever que caminhos serão percorridos (Yamawaki *et al.*, 2015). Igualmente, a forma com que se configurou o desenho do Jardim acaba por não ser convidativa, os obstáculos e a obsolescência dos espaços de permanência (campos desportivos, anfiteatro, etc) favorecem usos indesejados - moradia provisória, acúmulo de lixo, ponto de tráfico de drogas. Outra razão identificada diz respeito a inexistência de atividades programadas que promovam a convivência entre os utilizadores.

Assim, questiona-se: quem passa pelo Jardim é atraído pelo que está ao nível dos olhos e sente-se à vontade para utilizar o espaço? Segundo a teoria “Olhos da Rua”, de Jane Jacobs (2000), quanto mais pessoas nas ruas, mais seguras elas se tornam. São os olhos de quem caminha, de quem ocupa os espaços públicos, de quem senta nos bancos da calçada, de quem está na praça e acompanha a movimentação na rua – a vigilância informal que exercem, voluntariamente ou não, quando ocupam o ambiente urbano que tornam o ambiente diverso e ocupado.

Portanto, uma comunidade heterogênea (crianças, idosos, diferentes culturas e hábitos); com inúmeros espaços e infraestruturas que podem fomentar boas práticas de integração entre as pessoas, e com as instituições que podem financiar parcerias que estimulem a participação pública, tornam o bairro de Santiago propriamente dito um local com grande potencial de uso.

Plano de Intervenção

Entre os meses de setembro e novembro de 2016 diversas vozes foram escutadas para que fosse possível conhecer mais de perto o bairro de Santiago. Este processo foi fundamental para entender a dinâmica envolvente que viria a ocorrer com a comunidade no dia 20 de janeiro de 2017, cuja auscultação resultou num processo de reconhecimento do que estas desejavam para o bairro. O projeto foi apresentado às pessoas (crianças e adultos) e estas puderam opinar de que forma gostariam que fossem o Santiago, sem induzi-las, dando a possibilidade de se tornarem as protagonistas do espaço público.

O evento ocorreu em dois momentos, o primeiro, no turno da manhã e com cerca de 120

crianças da Escola de Ensino Básico de Santiago, foi um tour guiado pelo Jardim, o que lhes permitiu conhecer o espaço e o seu entorno. Na sequência, as crianças divididas em grupo tiveram a oportunidade de refletir sobre alguns dos espaços identificados e por meio de desenhos mostraram suas ideias e desejos para o lugar. Ao fim, marcaram em papéis suas mãos com tinta, estas posteriormente foram expostas ao redor dos muros do Jardim como forma de reconhecimento da participação na comunidade.

O segundo momento, que aconteceu no turno da tarde, reuniu o público adulto para discussão e debate sobre o Bairro com uma caminhada para perceber as problemáticas e as oportunidades existentes, além de terem realizado um “varal de desejos” para o local.

Diante dos resultados, foi entregue à Câmara Municipal de Aveiro, no dia 27 de janeiro de 2017, a análise do bairro formulado pelo grupo coordenador do projeto, juntamente com o relatório de anseios da população. No documento continham depoimentos da população acerca do que julgavam ser interesse de uso coletivo e o que igualmente os afastava ou impedia o uso do espaço urbano. Contudo, após a entrega do relatório nenhum parecer ou informação sobre possíveis intervenções no local foi devolvido ao grupo, ou melhor, para a comunidade Aveirense.

Na sequência, no dia 04 de fevereiro de 2017, o projeto participou como finalista do Aveiro Soup, um jantar participativo no qual os cidadãos votaram em propostas para transformar a cidade. O Abraçar Santiago não foi o grande vencedor, mas permitiu que Santiago - o lugar até então “esquecido” da cidade - ganhasse visibilidade.

Atualmente o projeto busca firmar parcerias e reunir novos voluntários e adeptos da intervenção urbana para redinamizar os espaços lá existentes,

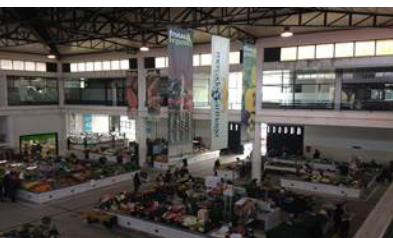


Imagem 2 e 3 - Mercado de Santiago e Muros que contornam o Jardim de Santiago (esq. para drt.)

Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 4 e 5 - Anfiteatro inutilizado devido seu mau estado de conservação e Hortas comunitárias criadas e mantidas pela comunidade (esq. para drt.)

Fonte: Arquivo pessoal

seja através do plantio de hortas em áreas verdes abandonadas do bairro; seja através de intervenções pontuais nos equipamentos públicos existentes no bairro (campos desportivos, anfiteatro, bosque); e/ou então através de oficinas, encontros e ações colaborativas (linguagens artísticas) com foco na transformação da paisagem urbana em espaços criativos, promovendo pequenas intervenções de reabilitação sobre habitações e espaços comerciais.

Tais ideias são um desafio para mobilizar a comunidade que habita, trabalha, usa e caminha o lugar a partir da concepção das pessoas (Medeiros e Perassi, 2015). O espaço só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades (Caval, 2007). A partir do entendimento das relações dos espaços com os cidadãos, os resultados vão muito além da própria requalificação espacial, contribuem para a sua revitalização funcional.

Ações futuras

Ao se observar o local como um todo, percebem-se problemas e apontam-se soluções. Ações pequenas, disseminadas e aproveitadas podem humanizar o bairro e fazer com que as pessoas se preocupem mais com o espaço público. A tarefa principal, portanto, enquanto dinamizadores do projeto, é ouvir sempre o que a população quer e tem a dizer.

Além das atividades ocorridas em janeiro de 2017, o projeto contou com novos interessados nos últimos meses e apontará para um novo arranque de auscultação a partir de setembro de 2017, ou seja, após um ano dos primeiros contatos, o que garante tempo suficiente para que as pessoas já sintam maior intimidade para com o que se propõe e que veio para ficar: o abraço em Santiago.

O envolvimento e a colaboração são partes essenciais desta dinâmica, pois reafirmam a participação cívica e o sentimento de pertencimento da população ao local, ao passo que as atividades a serem propostas reafirmam a sensibilização pelo espaço que é de todos, desfavorecendo qualquer visão de estigma que ainda possa haver.

Neste sentido, reunidos com diversos colaboradores no dia 31 de maio de 2017, no I Encontro de Urbanismo Tático realizado em Aveiro, inúmeras ideias foram expostas, colocando em prática linhas de ação que englobam o ver e ouvir, e assim estimular as vozes e as visões apreciativas sobre o bairro, e o agir e o construir, para vestir



Imagem 6 e 7 - Processo de auscultação realizado no dia 20 de janeiro de 2017

Fonte: Arquivo pessoal

literalmente o bairro ao estimular as relações entre seus frequentadores e o uso dos equipamentos públicos.

Houve grande consenso na importância destas medidas, e há disponibilidade para contribuir para a sua concretização, mobilizando para a ação coletiva, o que ajuda a desenvolver o projeto da melhor maneira e então buscar garantir o seu sucesso com a requalificação do espaço público.

Considerações finais

Considerando o trabalho desenvolvido até então, passamos a entender que muito pode ser operado em Santiago. A visibilidade que o projeto vem ganhando é realmente importante, pois torna possível pensar em modificar significativamente o bairro para e com as pessoas, criando uma rede colaborativa de cidadãos protagonistas. São crianças, jovens e adultos, moradores e não moradores do bairro que despertam o desejo de fazer mais pelo espaço que lhes pertence.

O apoio recebido pela Escola de Ensino Básico e pelos comerciantes também articula-se nomeadamente como um fator de mudança e de “voz”, uma vez que o envolvimento dessas partes permitiu ampliar as redes de contacto e gerar a mobilização de um maior número de pessoas. Igualmente, o envolvimento cívico da Universidade também é importante a fim de permitir que o conhecimento técnico produzido no contexto acadêmico seja usado para levar o bem-estar à população.

Um desafio pertinente diz respeito a reversão da ideia atual de uma época em que a individualidade e o particular imperam sobre o coletivo e o público, resultando na perda da essência e vitalidade dos espaços. Eis que diante disso coloca-se cada vez mais em ênfase o conceito de urbanismo tático, como forma de aproximar o espaço urba-

no das pessoas e reatar as relações que se perdem diante das mudanças de práticas e costumes.

No que tange às mudanças que se deseja operar, estas necessitam gerar efeitos na vida das pessoas, sendo este um forte argumento para que todos sejam convidados a participar do planejamento das cidades. É a ocasião para se criar um compromisso real de inclusão e construir presenças através de grandes ideias para o Bairro de Santiago.

Bibliografia

- Albrechts, L. (2006), “Bridge the Gap: From Spatial Planning to Strategic Projects”, *European Planning Studies*, 14 (10), pp. 1487-1500.
- Alvares, L., Vainer, C. e Queiroga, E. (2009), “Conflitos urbanos e espaços livres públicos construção de uma metodologia para estudos comparativos”, in Tângari, V., Andrade, R. e Schlee, M. (Org.), *Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, pp. 124-139.
- Bentley, I. et al. (1999), *Entornos Vitales: Hacia un Diseño Urbano y Arquitectónico más Humano*, Barcelona: Editora Gustavo Gili.
- Beretta, B. e Andrade, J. (2015), “Reflexões conceituais: o espaço livre público como o espaço da experiência”, *I Congresso Internacional sobre espaços públicos*, Porto Alegre.
- Brandão, C. (1999), *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Catalão, A. (2010), *Estudo do Mercado Imobiliário de Aveiro*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Portugal.
- Cassab, M. (2001), “Jovens Pobres e a Cidade”, in Castro, L. (org.), *Crianças e Jovens na Construção da Cultura*, RJ: Faperj, v. 1, pp. 209-226.
- Caval, P. (2007), *A Geografia Cultural*, 3 Ed, Florianópolis: da UFSC.
- Forester, J. (1999), *The Deliberative Practitioner: Encouraging Participatory Planning Processes*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Gaitán, L. e Liebel, M. (2011), *Ciudadanía y derechos de participación de los niños*, Editorial Síntesis, S.A.
- Healey, P. (1996), “The communicative turn in planning theory and its implications for strategy formation”, *Environment and planning B*, 23, pp. 217-34.
- Heemann, J. e Santiago, P. (2000), *Project for Public Spaces*, Disponível em: <https://www.pps.org/about/>.
- Innes, J. e Booher, D. (1999), “Consensus building and complex adaptive systems: A framework for evaluating collaborative planning”, *Journal of the American Planning Association*, 65(4), pp. 412-423.
- Innes, J. e Booher, D. (2005), “Reframing Public Participation: Strategies for the 21st Century”, *Planning Theory & Practice*, 5(4), pp. 419-436.
- Jacobs, J. (2000), *Morte e vida de grandes cidades*, São Paulo: Martins Fontes.
- Leino, H. e Laine, M. (2011), “Do matters of concern matter? Bringing issues back to participation”, *Planning Theory*, 11 (1), pp. 89-103.
- Lefebvre, H. (2009), *O Direito à Cidade*, 5ª Ed. São Paulo: Centauro.
- Medeiros, D. e Perassi, R. (2015), “Conceitos para a criação de um atlas subjetivo: uma contribuição à construção do lugar”, *I Congresso Internacional sobre espaços públicos*, Porto Alegre.
- Melo, C. e Pereira, E. (2015), “O Espaço Vivido e a Construção do Território”, *I Congresso Internacional sobre espaços públicos*, Porto Alegre.
- Reis, M. (2015), *Por um bairro mais amigo das crianças: Novos protagonistas*, Departamento de Educação, Universidade de Aveiro.
- Solà-Morales, I. (2002), *Territorios*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Taylor, M. (2007), “Community Participation in the Real World: Opportunities and Pitfalls in New Governance Spaces”, *Urban Studies*, 44, pp. 297-317.
- Tuan, Y. (1980), *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*, São Paulo: Editora Universidade Estadual de Londrina.
- Yamawaki, Y., Bordini, J. e Mazzeto, M. (2015), “Em Busca de Público para o Espaço Público”, *I Congresso Internacional sobre espaços públicos*, Porto Alegre.